

FUNÇÃO PATERNA, LUTO E MELANCOLIA

Antonio Lobo

Unitermos:

Função paterna, luto, melancolia, fantasias primitivas.

Resumo:

O autor analisa a relação da lei com a função paterna, a partir do mito freudiano da horda primitiva, e faz considerações a respeito do luto e da melancolia que acompanham a função paterna.

Começo por um momento de recuo, em 1921, quando Freud lança um olhar sobre uma prática que tinha sido a sua e está nos primórdios da psicanálise. Refiro-me ao poder de fascinação do hipnotizador sobre a sua vítima. Sabemos que este poder fundamenta-se nos diversos vínculos eróticos inconscientes; mas Freud, naquele momento, não hesita em fazer a explicação do fenômeno recuar até as origens da família humana, a horda primeva.

Em primeiro lugar, o hipnotizador torna o ambiente monótono através de vários expedientes, lentamente induzindo o paciente a concentrar-se na sua pessoa. Mas tudo é feito de forma indireta, desviando a atenção do principal para que não ocorra uma reação contrária. A estrutura é semelhante a de um chiste, em que muito do seu efeito se deve a um final imprevisto. Ao mandar o paciente dormir, aquele que manda se qualifica como pai, mas um pai de tal maneira terrível que, diante dele, nas palavras de Freud, só é possível relacionar-se de forma submissa e masoquista. Aí está, ele não hesita mais em recorrer, para a explicação de um fenômeno mais ou menos banal, a uma teoria que supõe a transmissão filogenética de um precipitado de experiências ancestrais.

O dispositivo da hipnose é um grupo de duas pessoas: o líder e o seu seguidor. O homem, que não é um animal gregário mas um animal da horda, revive o mito que pode ser resumido assim: houve um macho poderoso, um déspota ciumento, que era senhor de todas as fêmeas e não conhecia limites para o seu desejo. Esse líder absoluto foi assassinado de forma violenta e a partir daí os irmãos tentaram criar uma sociedade igualitária. Mas essa transição não se dá de modo tranquilo para os filhos assassinos. A figura do pai absoluto está envolta, carregada de acentuada ambivalência. Possuidor de todas as mulheres, que são objeto de desejo e o principal adorno do pai, este não é só odiado pela sua tirania mas é invejado e os filhos desejam ser como ele, ter a sua força.

De passagem poderíamos perguntar o que significa ser uma mulher do pai ou, simplesmente, o que significa ser mulher na horda primitiva e participar desse drama de um modo apenas aparentemente periférico, servindo como moeda de troca, adorno do poder. De passagem também diremos que não existe pai

absoluto sem essas mulheres que são sua posse. E que o pai primevo é tão criação dessas mulheres submissas quanto o pai sedutor é criação das históricas. A morte do pai ocorre numa explosão de todas as pulsões, consequência da longa abstinência dos filhos obedientes e ambivalentes. O pai é devorado numa orgia canibalesca onde cada qual tenta incorporar o que pode. À orgia segue-se o pranto, a lamentação, o remorso. O totemismo, para Freud, seria a tentativa de recuperar o pai extinto e expiar a culpa pelo assassinato.

Antes do totem, esse precursor dos deuses, é claro que vários outros tentaram ocupar o lugar do pai – mas não poderiam jamais ser como o morto, porque tinham consigo a culpa do assassinato e o julgamento dos restantes. O mito da horda primitiva foi substituído pelo mito da fraternidade: cada irmão deseja destruir o outro, mas esse impulso é recalcado ante a impossibilidade do fratricídio ser aceito pelo grupo – todos devem se manter iguais para que ninguém tenha os privilégios do morto. Surge a solidariedade como formação reativa.

Desde que passou a desacreditar da sua neurótica, conclusão expressa na famosa carta de 21 de setembro de 1897, Freud sobrepõe a fantasia ao trauma e passa a acompanhar com novo sentido essas produções dos seus pacientes. Não importa o teste da realidade, já que é outra a realidade do inconsciente. As fantasias são acompanhadas e estudadas, primeiro como enigmas a serem decifrados, e mais tarde como limites, umbigos em torno dos quais volteiam as associações dos pacientes. Esses limites são as fantasias primitivas encontradas em todos os neuróticos analisados e provavelmente em todos os seres humanos: a observação do coito dos pais, a sedução por um adulto, a ameaça de ser castrado. Esses proto fantasmas teriam a dupla função de repassar um padrão e servir de “reserva natural”, espécie de arquivo vivo suplementado e enriquecido pelas fantasias pessoais (este último aspecto ressalva a fantasia como alternativa da pulsão frente ao recalque: *“Na verdade os homens não poderiam subsistir com a escassa satisfação que podem obter da realidade”*.¹

Essas reflexões e o mito elaborado em Totem e Tabu (1911) foram precedidos de um longo caminho no qual acompanhamos vários esboços, várias tentativas que contornam o enigma do pai. Excluída a correspondência com Fliess, desde os estudos sobre a histeria que o pai desponta como personagem: *“Diante dele, diz Catherine Millot cessam as associações dos pacientes. Anna O e Elizabeth Von R. adoecem após a morte de um pai amado. Emmy Von N. também adoece após a morte de um, marido bem mais velho. Duas pacientes: Katharina e Rosalie serão vítimas de um pai sedutor (a partir daí um elemento central na primeira teoria das neuroses). De tal sorte que após vasculhar seus próprios sonhos, Freud comunicará a Fliess: “é certamente o pai que promove a neurose”*.

Avançando para além do pai sedutor das históricas, e mesmo através do Édipo, Freud chega ao pai da horda primitiva. Ao pai do Édipo, representante da lei, é preciso sobrepor um pai que esteve acima da lei e fora da castração. Se é possível alguém desejar ser pai, é porque se sabe que a lei não é uma criação do pai, mas dos filhos faltosos, cheios de remorso e culpa. A lei é o nosso luto corroborando a teoria da psicanálise, que assenta as maiores realizações da

¹ Como está na Conferência Introdutória XXIII

civilização sobre o recalque dos impulsos primitivos. O pai nunca foi tão forte como depois de morto – na verdade, só deixa de ser tirano para ser pai após a sua morte.

Por volta de 1911-12, período da elaboração de Totem e Tabu, Freud está às voltas com sua própria paternidade dentro do movimento psicanalítico. Jung, seu discípulo favorito, tantas vezes tratado como filho, voltara dos EUA após um ciclo de conferências nas quais atenuara alguns aspectos da teoria psicanalítica para não chocar a opinião americana. Além disso, lançava uma obra “Símbolos e Transformação da Libido”, na qual expressa o seu conceito de libido como energia pura não sexual. Trechos de uma carta de Jung e Freud de 18/10/12 dão uma idéia do clima de iminente ruptura:

*“Posso dizer-lhe algumas palavras a sério, admito a ambivalência dos meus sentimentos em relação ao senhor, mas inclino-me a tomar um ponto de vista honesto e absolutamente direto da situação. Se duvida da minha palavra, tanto pior para o senhor. Eu mostraria, contudo, que a sua técnica de tratar os discípulos como paciente é uma asneira. Desse modo o senhor produz ou filhos servis ou fedelhos impudentes. Sou objetivo o bastante para perceber o seu pequeno truque. O senhor anda por aí farejando todos os sintomas que ocorrem na vizinhança, reduzindo, assim, cada um ao nível de filhos e filhas, que admitem envergonhados a existência de seus erros. Enquanto isso o senhor permanece no alto, como o pai, em situação privilegiada”.*²

Freud admite que o principal estímulo para aplicar a psicanálise ao estudo da antropologia social e dos mitos, adveio da obra de Jung. Mas as idéias sobre a horda primitiva e o pai primevo não representam uma negação da etiologia sexual das neuroses. As idéias sobre uma possível filogênese, como elemento na série complementar da etiologia dos distúrbios psíquicos sempre esteve nos escritos de Freud.

Retornamos ao pai exatamente como o havíamos deixado: morto. Ao homem repugna a idéia do luto porque a morte dos outros, seus objetos, remete à sua própria finitude. E a imortalidade está no inconsciente. A morte só existe para os outros. Freud evoca a frase “que o diabo o carregue” para lembrar o modo como diariamente, em pensamento, remetemos várias pessoas à sua própria extinção.³

Andando pelas montanhas com um amigo poeta famoso, Freud observa que ele não consegue aproveitar as belezas da região, acabrunhado com a constatação de que um dia tudo aquilo irá desaparecer. É do luto que ele tem medo, conclui Freud. O poeta não sabe, mas a beleza dos seus versos advém dessa transitoriedade que ele lamenta.

²Freud/Jung: Correspondência Completa pág. 605, 606.

³ Freud. “Sobre a Transitoriedade” vol. XIX pág. 345.